

Periferias e segregação urbana em Florianópolis: um estado da arte a partir da História

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar uma pesquisa do tipo estado da arte dos principais trabalhos acadêmicos que discorrem acerca da periferia urbana e da segregação urbana em Florianópolis, Santa Catarina, tendo em vista a introdução do material e da temática para a disciplina da História. Com base nos levantamentos realizados por Valladares (2005) na cidade do Rio de Janeiro, busco retratar aqui os principais tópicos, métodos de pesquisa, instituições e áreas do conhecimento observados em trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses disponíveis nos repositórios das principais universidades do estado de Santa Catarina e do país. Foram analisados 46 trabalhos ao todo, selecionados a partir da relevância e da abordagem das temáticas selecionadas: periferia, favelas, segregação urbana e ocupações de Florianópolis e região. A partir dessa análise, teço comentários sobre a relação do material com a realidade colocada historicamente na cidade, bem como as possibilidades de estudo e de aproximações do conteúdo para os historiadores, colocadas principalmente na integração interdisciplinar e na observação das cidades e periferias como objeto de estudo dotado de dinâmicas próprias, ainda não totalmente exploradas no campo da História.

Palavras-chave: Florianópolis; periferia; segregação urbana; estado da arte.

Vinícius Silveira Luz
Mestre em História na
Universidade do Estado de Santa
Catarina – UDESC. Doutorando
em História na Universidade do
Estado de Santa Catarina -
UDESC.
Brasil
vini.sluz80@gmail.com
lattes.cnpq.br/0640184650412108
orcid.org/0000-0002-5177-1556

Para citar este artigo:

LUZ, Vinícius Silveira. Periferias e segregação urbana em Florianópolis: um estado da arte a partir da História. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0311, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0311>

Peripheries and urban segregation in Florianópolis: a state-of-the-art research based on the History discipline

Abstract

The present article aims to conduct a state-of-the-art review of the main academic works addressing urban periphery and urban segregation in Florianópolis, Santa Catarina. This is intended to introduce the material and themes relevant to the field of History. Drawing upon Valladares' surveys conducted in Rio de Janeiro in 2005, this article seeks to depict the primary topics, research methods, institutions, and knowledge areas observed in undergraduate theses, master's dissertations, and doctoral theses available in the repositories of major universities in Santa Catarina state and the country. A total of 46 works were analyzed, selected based on their relevance and approach to the selected themes: periphery, slums, urban segregation, and occupations in Florianópolis and its surrounding region. Through this analysis, I offer commentary on the relationship between the material and the historically situated reality in the city. I also discuss the potential for study and approaches for historians, primarily emphasizing interdisciplinary integration and the examination of cities and peripheries as subjects of study with their own dynamics, which have not yet been fully explored in the field of History.

Keywords: Florianópolis; periphery; urban segregation; state-of-the-art research.

1 Introdução: o estudo das periferias em Florianópolis

Novo Gama, no Ipê, no Jardim Ingá, em
 Corumbá
 Aqui lembra o Paranoá
 As pessoas, as ruas sei lá. Pode crê
 Mas só pra te lembrar
 Periferia é periferia em qualquer lugar
 É só observar
 (DIA [...], 2015)

As ruas sabem, há algumas décadas, que existe algo, simbólico e real, que une todas as periferias do país, em qualquer tempo histórico. Seja em GOG ou em Racionais MC's, todos sabem que “periferia é periferia” – como versa o rap do Racionais. Esses são, afinal, lugares fáceis de identificar, seja pela visão não tão bela de suas paisagens ou pelas más opiniões a seu respeito. Parece que sempre existiram aqui. Em toda municipalidade, em toda capital, lá está a periferia, na parte da cidade que muitos buscam evitar, principalmente aqueles com o poder estabelecido. Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo*, diria que a cidade é a sala de visitas, e a favela, o quarto de despejo, onde são jogados os objetos sem valor (Goes et al., 2021). A antropóloga Patrícia Birman revela nesse sentido a associação do termo “favela”, por exemplo, com uma concepção específica de pobreza, vulnerabilidade e violência através da sua vinculação com determinadas narrativas:

Os processos de identificação criam tipos e a tipificação é imune à diversidade de modos de vida, de escolhas morais, sexuais e religiosas. O seu movimento, por definição, é o de provocar generalizações. Um milhão de pessoas como contraexemplo pouco serve contra uma única identificação negativa que, elevada à condição de emblema, pode legitimar e participar dessas políticas, reafirmando o que seria a “verdadeira” e “autêntica” identidade do grupo a ser considerada em termos de interesse público. Basta um único caso, um único acontecimento, para reiterar a especificidade negativa de um grande conjunto populacional. (Birman, 2008)

Assim, o uso do termo “comunidade”, por exemplo, demonstra uma tentativa dos moradores da periferia em se autoidentificarem, ao invés de serem identificados por outros. É evidente a existência de “jogos identitários que há muito tempo ocupam a cena

pública em torno das favelas” (Birman, 2008). Outras nomenclaturas encontradas neste artigo, e que demonstram essas disputas identitárias e narrativas existentes no campo, são, por exemplo: periferia, comunidade, assentamento informal, aglomerado subnormal e ocupação. Nesse sentido, entendo que é inicialmente preciso compreender, a partir da semântica, a forma como esses espaços são significados e interpretados e como cada uma dessas denominações fala e identifica algo diferente sobre um mesmo local.

Florianópolis, a capital de Santa Catarina, é usualmente reconhecida no país como a “Ilha da Magia”. Lar de belas praias e paisagens naturais, a localidade é o principal ponto turístico do estado de Santa Catarina e quiçá do sul do Brasil. A “Capital Turística do Mercosul”, como tornou-se comum ouvir nos anos de 1990. Historicamente, a badalada e modernizada cidade é marcada por um passado bucólico, de “cidade pacata, cidade provinciana” (Fantin, 2000, p. 15). Pelo menos superficialmente essa é a imagem da cidade e do seu passado. Aquele com olhar mais atento, entretanto, percebe rapidamente a presença de fissuras nessa realidade. Essas rupturas, por mais que reprimidas, existem e tomam forma na experiência histórica e cotidiana das várias comunidades e favelas do município. Ainda assim, são poucas as iniciativas no campo da História que buscam pensar outros passados e presentes para a capital de Santa Catarina e que veem nessas rupturas oportunidades de estudo. Tendo isso em vista, intento, neste trabalho, introduzir a temática das periferias de Florianópolis para os historiadores, e realizar uma pesquisa do tipo estado da arte, com o objetivo de investigar e analisar o atual panorama da produção de conhecimento acerca dos processos de segregação urbana e da vida em comunidades, favelas e periferias na região.

Há alguns anos, tive a oportunidade de trabalhar com a comunidade da Tapera, no Sul da Ilha de Santa Catarina e, de lá, saíram várias das reflexões inseridas aqui. A Tapera, como muitas das comunidades de Florianópolis, pode ser caracterizada de maneiras diferentes de acordo com aquele que a observa. Usualmente, entretanto, as caracterizações de comunidades e favelas dão conta dos estatutos legais e físicos irregulares desses espaços. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2019, marcava esses espaços a partir da quantidade de domicílios particulares ocupados em “aglomerados subnormais”, uma condição definida como: “Conjuntos constituídos

por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.), ocupando terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) até um período recente. Geralmente, essas unidades estão dispostas de maneira desordenada e densa...” (IBGE, 2010). Subnormalidade, informalidade e desordem são as palavras-chave aqui.

No município de Florianópolis, podemos observar o estatuto legal desses espaços a partir do Plano Diretor. No documento que organiza o planejamento urbano da região, vigente sem limitações desde 2017, a Tapera, por exemplo, é uma das áreas na cidade englobadas por uma chamada ‘Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)’. Segundo a Lei Complementar n. 482, de 17 de janeiro de 2014, ZEIS são “os assentamentos consolidáveis ocupados espontaneamente por população de baixa renda em áreas públicas ou privadas onde há restrição legal ou técnica à ocupação, podendo ser destinadas a ações de regularização fundiária” (Florianópolis, 2014).

Mas o que realmente define uma favela, uma comunidade, ou, de maneira mais coloquial, uma quebrada? Uma busca rápida revela uma série de definições. Conforme o IBGE, esses espaços são denominados "aglomerados subnormais" (IBGE, 2010), enquanto um renomado jornalista de Florianópolis os descreve como "bolsões de pobreza" (Menezes, 2018). Fundamentalmente, tais áreas são reconhecidas social e popularmente por suas características físicas e legais informais, que também indicam a fragilidade financeira de seus residentes. Nesse contexto, o Observatório de Favelas, uma organização da sociedade civil sediada no Rio de Janeiro, lançou uma compilação de textos intitulada "O que é a favela, afinal?" (2009), fornecendo uma visão esclarecedora sobre o assunto.

Historicamente, o eixo paradigmático da representação das favelas é a ausência. Nesta perspectiva, a favela é definida pelo que não seria ou pelo que não teria. Nesse caso, é apreendido, em geral, como um espaço destituído de infraestrutura urbana - água, luz, esgoto, sem coleta de lixo: sem arruamento: globalmente miserável: sem ordem: sem lei: sem regras: sem moral. Enfim, expressão do caos. (Silva *et al.*, 2009, p. 16)

Como pudemos observar, para o poder público as favelas são definidas a partir de aspectos “prioritariamente ocupacionais, estruturais e legais, sendo o termo utilizado para denominar espaços que se caracterizam pela ‘precariedade’, ‘irregularidade’ e

‘desconformidade’.” (Freire, 2008, p. 100). Assim, apesar de possuírem outros aspectos constitutivos, os espaços periféricos mantêm-se marcados por esse mecanismo simbólico de estigmatização e generalização.

Por isso, considero fundamental compreender esses espaços a partir das denominações dadas pelas populações que ali estão inseridas. Entendendo, portanto, as experiências e os significados conferidos a essas a partir das lentes de quem vive ali. Na Tapera foram várias as denominações encontradas no contato com interlocutores do bairro. Na cultura do rap e do funk, tocados pela juventude local, foram populares o uso de ‘quebrada’ e ‘área’ como formas de identificação. A forma mais popular, entretanto, usada pela maioria dos personagens ouvidos foi ‘comunidade’. O termo ‘periferia’ também foi usado como sinônimo de ‘comunidade’. Uma interlocutora local diz, por exemplo, referindo-se à Tapera: “Porque aqui é uma periferia, uma comunidade onde tem toda essa população...” (Furlan, 2022). O termo, nesse sentido, é realmente usado como forma de positividade das relações comunitárias inseridas nesses espaços, mesmo diante da vulnerabilidade social.

A conexão histórica entre as diversas vivências da periferia em Florianópolis é fundamentalmente caracterizada pela presença contínua da segregação urbana. Esse fenômeno é discutido por Sugai (2002, 2009), que identifica três momentos distintos na ocupação informal do solo na cidade. O primeiro período remonta ao final do século XIX e início do XX, no qual houve a ocupação dos morros na área central da municipalidade por comunidades deslocadas durante o processo de higienização e modernização dos bairros centrais. O segundo momento, a partir dos anos 1960, é marcado pela ocupação da porção continental e dos morros da região central de Florianópolis, em consonância com os processos de desenvolvimento presentes nos investimentos em infraestrutura e urbanização da cidade. Já o terceiro estágio, a partir dos anos 1990, caracteriza-se pela ocupação de áreas mais distantes do centro e do continente, como nas regiões Sul e Norte da Ilha de Santa Catarina. Este último período é notório pela abertura da cidade ao turismo internacional, juntamente com a difusão nacional da imagem de Florianópolis como uma "cidade-paraíso", impulsionada por intensos investimentos em estratégias de marketing urbano (Vidal; Pozzo, 2011).

Na implementação dos referidos processos, observou-se de maneira significativa a realocação das comunidades economicamente desfavorecidas do núcleo urbanizado modernizado da cidade, por meio da valorização monetária dos imóveis, bem como pela imposição de restrições à construção de edifícios que não se adequassem ao novo paradigma de organização urbana moderna. Essas populações, sem ter como arcar com os novos custos da modernização foram então levadas às margens da cidade e do centro. Tal fenômeno é conhecido como “periferização” (Abramo, 2013). Sobre a questão, Abramo (2013, p. 23) afirma que “a maior parte da população não consegue se fixar nas áreas que o mercado imobiliário se organiza melhor. Sem condições para pagar por uma moradia adequada, dotada de infraestrutura presente nas regiões mais centrais, a população se periferiza”. Temos a partir disso que os preços das moradias são determinados de acordo com o custo da sua localização, que abrange a acessibilidade a determinados serviços, como a infraestrutura de água, saneamento, pavimentação e eletricidade. Ou seja, ao adquirir um imóvel, uma pessoa está também adquirindo as oportunidades de acesso à infraestrutura intraurbana, instalações e serviços públicos. A falta desses equipamentos públicos e de uma regularização dos terrenos e dos imóveis acaba, portanto, diminuindo o custo de morar em regiões afastadas do centro, periféricas. É justamente por meio desse processo de precificação da terra que é construída a segregação urbana:

A importância da segregação espacial não se restringe exclusivamente à questão do uso e de posse da terra, embora essa última seja uma determinante fundamental. A segregação como um fator subjacente aos movimentos tem a ver também, e sobretudo, com diferentes critérios de alocação de recursos de infraestrutura urbana (água, luz, esgoto, sistema viário) e outros meios de consumo coletivo na área social (como escolas, hospitais, transportes etc.). Em outras palavras, a segregação espacial é, a um tempo, determinada e reforçada pela distribuição altamente desigual dos recursos pelas diferentes áreas da cidade. (Espíndola, 2005 *apud* Boschi, 1983, p. 129)

Esse debate fundamental para a compreensão das cidades em que vivemos, especialmente em Florianópolis, entretanto, não é tão familiar para o historiador brasileiro ou para a prática historiográfica brasileira de forma geral. Durante a realização

de minha dissertação de mestrado, intitulada “Entre praças, parques, igrejas e bares: narrativas e percepções na comunidade da Tapera, Florianópolis – SC, no tempo presente (2002 - 2020)”, pude perceber que grande parte dos trabalhos que buscam compreender as dinâmicas sociais, culturais e históricas das periferias, não vêm do campo da história. Populares e marcantes trabalhos de renome nacional, leituras obrigatórias para qualquer pesquisa no meio, como “*Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*” (2000), “*Um século de favela*” (1998) e “*O mito da marginalidade*” (1977) foram conduzidos por antropólogas. Já o importante “*A Invenção da Favela - do Mito de Origem à Favela.com*” (2005) foi escrito por uma socióloga. A lista de contribuições segue também pela Arquitetura e Urbanismo e pela Geografia. Ou seja, ainda que muitos desses utilizem a história e a metodologia histórica, a questão pungente é: onde foram parar os historiadores e historiadoras para compreender algo que há tempos foi compreendido nas ruas e na academia?

Para não ser injusto, existem algumas contribuições da história e de historiadores para a investigação das periferias urbanas, apesar de não terem a amplitude das obras citadas anteriormente. Um exemplo é a produção de Marcos Alvito, historiador carioca que produziu uma série de investigações sobre as favelas fluminenses, especialmente a favela do Acari. O também carioca Mario Sérgio Ignácio Brum tem, da mesma forma, uma trajetória marcada pelo contato com as periferias e as favelas do Rio de Janeiro. É evidente nesse curto levantamento, em todas as áreas do conhecimento, a predominância do Rio de Janeiro em produções sobre a periferia urbana. Entretanto, ao sul do trópico de capricórnio, também podemos encontrar iniciativas que buscam desenhar pelo menos alguma historiografia das favelas.

Esse é o caso de Florianópolis, Santa Catarina, que reflete de certa forma a dinâmica demonstrada até então. Apesar de pouco populosa — cerca de 530 mil habitantes — a capital do estado possui em suas fileiras acadêmicas um bom número de pesquisas sobre a periferia e a pobreza urbana na urbe. Ainda assim, apenas uma minoria dessas iniciativas partiu do campo da história. Um exemplo importante é a dissertação de mestrado do historiador Camilo Buss Araújo (2006), intitulada “*Os pobres em disputa: urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água, Florianópolis – anos 1950*”

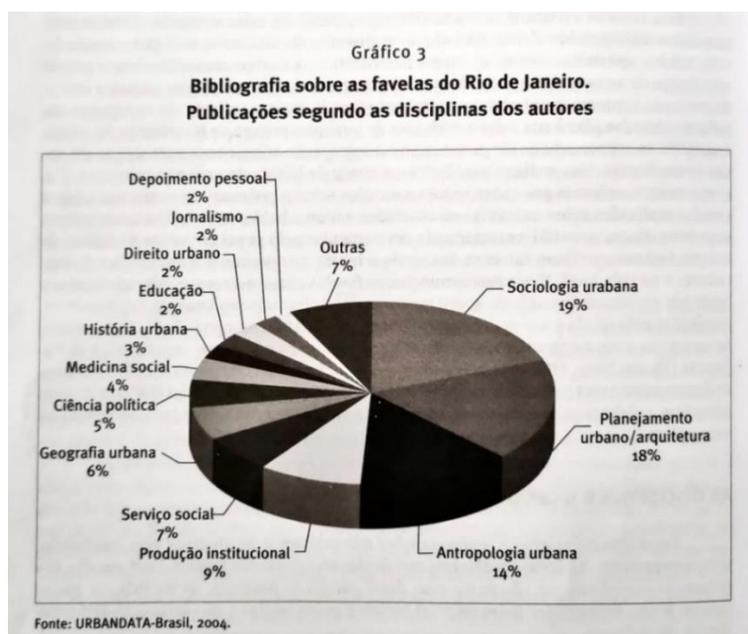
e 1960”. Apesar de não tratar exclusivamente da periferia, a obra *“Artífices do futuro: cultura política e a invenção do tempo presente de Florianópolis (1950-1980)”*, do historiador Reinaldo Lindolfo Lohn (2016), também traz importantes relatos da construção da marginalidade urbana na capital de Santa Catarina.

Ademais, as principais contribuições para o estudo das periferias em Florianópolis estão no campo da Arquitetura, com os trabalhos de Maria Inês Sugai (2002, 2009), das Ciências Sociais, com a obra de Francisco Canella (2011) e na Geografia, com uma miríade de produções sobre diversas comunidades da cidade, como *“Antigos e novos olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz: de não território a território do PAC-Florianópolis”* de autoria de Elaine Dorighello Tomás (2012), e *“Do Mar ao Morro: a geografia histórica da Pobreza urbana em Florianópolis”* de autoria de André Luiz Santos (2009). Outra obra de grande relevância, mas frequentemente esquecida, é *“Cor e mobilidade social em Florianópolis”* (1960). Produzida pelos sociólogos Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, foi um dos trabalhos fundantes da sociologia urbana no país, contribuindo significativamente para a compreensão do papel das populações negras na formação econômica e social do sul do Brasil.

As obras de maior importância novamente estão fora do campo da História. Essa situação, porém, não é estranha em relação ao resto da produção acadêmica da disciplina no país. Licia do Prado Valladares (2005), em *“A invenção da favela: do mito de origem a favela.com”*, realiza um levantamento de 838 textos, entre teses, artigos em periódicos, livros e outros documentos sobre as favelas do Rio de Janeiro e nos dá interessantes indicações referentes a tal problema. Abaixo, na figura 1, podemos observar, por exemplo, como da totalidade dos trabalhos mapeados pela autora, apenas 3% eram oriundos da História. As principais disciplinas envolvidas no campo eram a Sociologia urbana com 19% do total, Arquitetura com 18% da totalidade, Antropologia urbana com 14% e Serviço social e Geografia com 7% e 6%, respectivamente. Valladares também apresenta números das abordagens metodológicas escolhidas pelos autores dos trabalhos. Segundo a autora, mais de um terço dos pesquisadores, ou seja, 44% do total, realizou pesquisas focadas em estudos de caso, portanto, pesquisas empíricas nas

comunidades. Enquanto isso, estudos baseados em documentação histórica corresponderam a apenas 3% do total das obras analisadas (Valladares, 2005, p. 146).

Figura 1 - Bibliografia por disciplina dos autores



Fonte: Valladares (2005).

A leitura dos dados me atentou para a necessidade de ir para além do que já havia levantado em minha pesquisa de mestrado. Nesse sentido, após compreender um pouco melhor o funcionamento dos processos de segregação urbana e de constituição da periferia de Florianópolis, tendo como base os levantamentos de Valladares (2005), decidi mergulhar um pouco mais a fundo no mar de trabalhos acadêmicos sobre favelas, periferias ou ocupações em Florianópolis. O objetivo é que, a partir do mapeamento dessas iniciativas, possamos pensar em maneiras mais eficazes e abrangentes disciplinarmente de retratar e interpretar esses espaços na capital de Santa Catarina.

Já a obra de Valladares (2005) é utilizada aqui como parâmetro para reflexões na medida em que o caso carioca se mostra paradigmático em relação ao resto do país. Nesse sentido, entendo que como apontam Alvito e Zaluar (2006), falar de favela é “falar particularmente da cidade do Rio de Janeiro...” (Alvito; Zaluar, 2006, p. 7). Por essa razão, diversos símbolos e representações das favelas e comunidades cariocas são apropriados

em Florianópolis, como, por exemplo, nas ocupações urbanas Marielle Franco e Amarildo de Souza, localizadas na grande Florianópolis e que fazem referência direta a duas personalidades cariocas e periféricas. Robinson (2011) também ressalta a possibilidade de compreender as cidades através do gesto comparativo, abandonando então as concepções que ligam esses espaços a uma ideia maior de incomensurabilidade fundamental.

2 Coleta de dados e análise dos trabalhos acadêmicos mapeados

Pesquisas conhecidas como “estado da arte” têm como objetivo inicial mapear, inventariar e avaliar uma selecionada produção bibliográfica acadêmica. Esse mapeamento é realizado de maneira a compreender determinadas questões levantadas pelo autor da seleção, como, por exemplo, o entendimento das formas pelas quais têm se enfatizado, na bibliografia selecionada, certos aspectos variados ao longo do tempo e em diferentes locais, bem como as formas e circunstâncias da produção do conhecimento em dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (Ferreira, 2002).

Ao aprofundar a compreensão do problema abordado — a segregação urbana e as periferias de Florianópolis —, meu propósito nesta obra é investigar e analisar o atual panorama da produção de conhecimento acerca dos processos de segregação urbana e da vida em comunidades, favelas e periferias na região de Florianópolis, Santa Catarina. Tendo como base o trabalho de Valladares (2005) e considerando como a História se coloca nesse debate — e quais são as oportunidades, necessidades e paradigmas colocados nesse campo —, busco a identificação do “como”; o “onde”; o “quando” e o “quem” (Ferreira, 2002) inseridos e articulados ao longo da bibliografia selecionada. Para melhor visualizar e analisar esses dados foram produzidos uma série de gráficos que ilustram as questões acima colocadas.

Ou seja, através da análise dos títulos, resumos, palavras-chave e leitura panorâmica das obras, procurei, como coloca Ferreira (2002), criar uma rede com diferentes fios que unem e representam de forma não linear as diferentes temáticas, metodologias, lugares, campos de estudo e períodos contidos no espaço da produção

acadêmica específica. Portanto, construindo através desses fios uma narrativa, que é apenas uma das muitas histórias possíveis de serem contadas a partir da seleção. Logo, é preciso observar que existem lacunas, ambiguidades e singularidades que são preenchidas de acordo com aquele que faz a leitura da bibliografia.

Desse modo, o material de análise é composto por 46 trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses coletados nos repositórios institucionais das principais universidades do Estado e do país¹. Em Santa Catarina, foram verificados os repositórios da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). No país, foram consultados os repositórios da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ). As obras foram encontradas nos repositórios a partir de pesquisas com palavras-chave, como “periferia”, “favela”, “segregação”, “comunidade” e “ocupações” e “Florianópolis”. O critério de escolha dos trabalhos foi colocado na busca por trabalhos que conseguissem, ainda que de forma breve, tecer reflexões sobre a cidade e a condição urbana das periferias da capital de Santa Catarina. Explico melhor: alguns trabalhos — apesar de serem realizados com base em estudos de campo efetivados em bairros periféricos — não agregavam para uma melhor compreensão crítica do contexto urbano específico das regiões em questão. Ou seja, tinham esses espaços apenas como panos de fundo para a exploração de questões outras.

Já a seleção única de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso foi motivada tendo em vista uma maior coesão na coleção de dados. A busca, nesse sentido, foi realizada em repositórios virtuais das universidades dos estados já mencionados acima. Pela disposição dos dados de forma cumulativa e totalizante, entendo que os repositórios virtuais fornecem opções mais otimizadas, de fácil acesso e consulta do que periódicos e livros, que possuem, por sua vez, uma produção mais dispersa.

O recorte temporal foi selecionado com base na percepção da complexificação das relações urbanas estabelecidas em Florianópolis ao longo dos anos 1990, observando ali o aumento vertiginoso das desigualdades sociais e urbanas na cidade, como aponta

¹ A lista completa está disponível nos Anexos.

Sugai (2002). Bem como a constatação, de acordo com o levantamento bibliográfico de Valladares (2005) na figura 2, do aumento do interesse pela temática no mesmo período. É justamente nesse momento que crescentes contradições sociais e econômicas são também percebidas no conjunto das cidades brasileiras, deixando ainda mais evidentes os processos de segregação urbana e de empobrecimento nas periferias urbanas, como coloca Caldeira (2011). Desse modo, foram selecionados aqui trabalhos de 1996 a 2022.

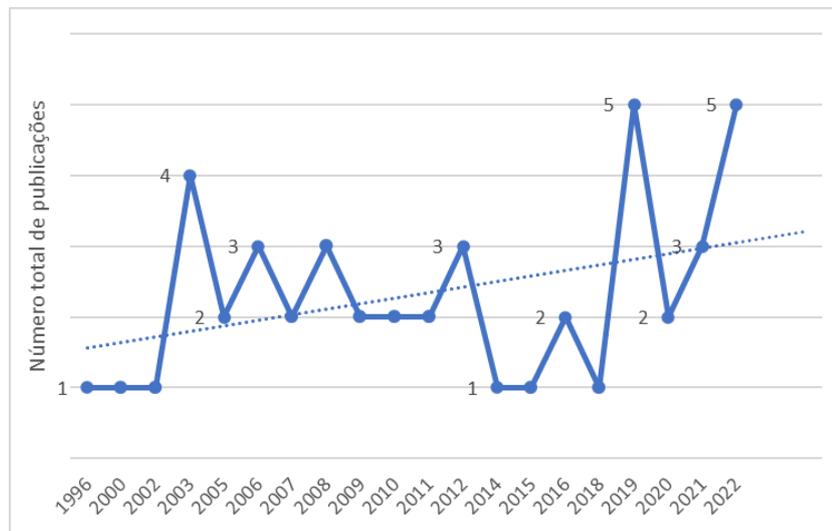
Figura 2 - Bibliografia sobre as favelas do Rio de Janeiro por ano



Fonte: Valladares (2005).

Assim, inicio minha análise seguindo os passos de Valladares (2005). Observando a consideração inicial do número de publicações por ano na bibliografia selecionada pela autora (Figura 2), considero que, também com base na análise dos dados coletados na breve reminiscência da seção anterior, temos a indicação de uma similar convergência entre o cenário acadêmico fluminense e florianopolitano, com algumas pequenas diferenças, é lógico. Portanto, assim como em Valladares (2005), podemos observar no gráfico 1 um crescimento no número de produções sobre favelas, comunidades e ocupações já nos primeiros anos do século XXI na cidade de Florianópolis.

Gráfico 1 - Número de trabalhos por ano de publicação



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Podemos entender que a crise econômica brasileira herdada dos anos 1980 afetou consideravelmente esse cenário, como indica Caldeira (2011). Conhecidos como “década perdida”, os anos 1980 foram marcados pela queda de 5,5% no PIB, pela diminuição em 46% do salário mínimo real e por altas taxas de inflação, que em 1989 alcançaram 1.863% (Caldeira, 2011). Aliado a isso, todos os planos de combate à inflação falharam cruelmente, em especial o Plano Collor de 1990. O quadro só teria uma leve alteração em 1994 com o desenvolvimento do Plano Real; entretanto, já em 1998, o país se encontrava em outra crise econômica decorrente do endividamento público e da desvalorização da moeda (Caldeira, 2011). A autora afirma, assim, o caráter avassalador da crise sobre as populações pobres urbanas e rurais, e especialmente mulheres e pessoas de cor:

As consequências sociais da crise econômica foram devastadoras. Depois de uma década de inflação, desemprego e recessão, a pobreza adquiriu proporções alarmantes no começo dos anos 90. Pesquisas recentes demonstram que os efeitos da crise foram especialmente duros para os pobres e agravaram a já desigual distribuição de renda. (Caldeira, 2011, p. 51)

É na esteira dessa crise que Sugai (2002) indica que, em 2001, cerca de 15% da população florianopolitana morava em 55 favelas do município e 83 no total da região metropolitana. A questão principal, no entanto, é que o número de favelados na cidade cresceu 56% de 1992 a 2001. Em 2002, esses números representavam cerca de 14,7% da população da Capital e 9,6% da região metropolitana como um todo (Sugai, 2002, p. 10). Esse crescente número de moradores na periferia é considerado pela autora como consequência direta do aumento do valor das propriedades em função da especulação imobiliária e da “transformação” de Florianópolis em polo turístico internacional. Com base nesses números, Tomás (2012) afirma que “a população das áreas destes assentamentos precários, teve um crescimento duas vezes maior que a média da taxa de crescimento municipal” (Tomás, 2012, p. 34).

Na década de 2010, por outro lado, temos na cidade de Florianópolis a instalação de um “ciclo” de ocupações na região metropolitana da cidade, como assinala Cavanus (2021). Tal situação também colaborou para o aumento do interesse no campo. A autora descreve:

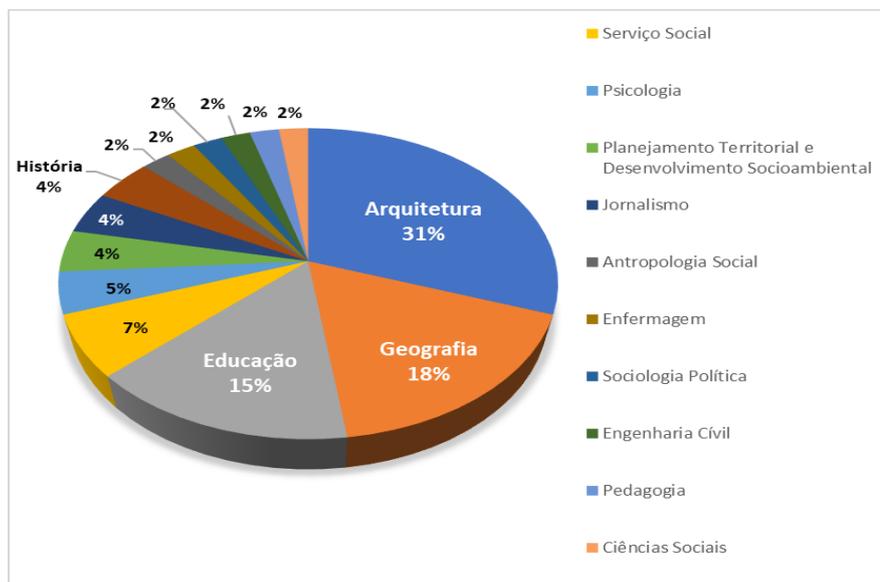
Em 2016, ocorreu a ocupação Fabiano de Cristo no Monte Cristo, na parte continental de Florianópolis. Em 2017, ocorreu também uma outra ocupação chamada Nova Esperança, na cidade de Palhoça, e, mais recentemente, em 2018, novas ocupações surgiram na Costeira e Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis, intituladas Mestre Moa e Marielle Franco. A ocupação Fabiano de Cristo no Monte Cristo surge a partir de familiares da ocupação Novo Horizonte que já não encontravam mais espaço para morar. Fabiano de Cristo era um conjunto habitacional que estava em obras, mas abandonado, sendo então ocupado por moradores do bairro Monte Cristo provenientes de novas gerações de familiares dos integrantes da ocupação Novo Horizonte. (Cavanus, 2021, p. 77)

Entendo assim, como observamos no Gráfico 1, que os picos de publicações por ano, em 2018 e 2022, podem indicar relação com os recentes processos de recrudescimento nos projetos de bem-estar social implantados na segunda metade dos anos 2000 e o subsequente aumento da pobreza ocasionado pela recessão econômica de

2014 - 2016 e as crises sociais e humanitárias que marcaram os anos de 2018 a 2022. Já o pico de 2003 parece indicar o fim do processo de ampliação da pobreza que marcou os anos 1990 e o início dos projetos de combate à iniquidade, marcados pela eleição de Luís Inácio Lula da Silva para a Presidência da República em 2002. A aprovação do Estatuto da cidade em 2001 e o contexto de amplificação do debate de Reformas Urbanas também são possíveis explicações. Outra elucidação possível para a popularidade é fornecida por Valladares (2005): a adoção, no período, de favelados como público-alvo de programas sociais e políticas públicas de Estado. Essa, como observaremos, é uma hipótese que encontra alguma ressonância em nosso material quando realizamos uma análise temática dos trabalhos. A linha pontilhada no gráfico, por sua vez, demonstra a tendência linear de crescimento das publicações conforme os anos passam.

Um dos dados mais interessantes obtidos no levantamento foi o de identificação dos campos disciplinares dos autores das 46 produções selecionadas. Como pudemos observar na seleção inicial de trabalhos, apenas uma pequena parte das obras eram do campo da História. Com Valladares (2005), notamos novamente a recorrência desses dados, porém, acompanhados de uma preponderância dos campos da Sociologia urbana, da Arquitetura e da Antropologia na composição da amostragem. Já no cenário catarinense, podemos observar algumas semelhanças e outras diferenças. A principal semelhança, a meu ver, é no grande número de obras no campo da Arquitetura e do Urbanismo, compondo mais de 1/3 do total da seleção. Ao contrário de Valladares (2005), entretanto, não observamos um grande volume nos campos da Sociologia e da Antropologia. Aqui, temos o predomínio da Educação e da Geografia sobre os demais, conforme observado no gráfico 2.

Gráfico 2 - Produção levantada de acordo com campos disciplinares



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Possuo duas hipóteses que podem explicar essa pequena discrepância nos dados encontrados entre Rio de Janeiro e Santa Catarina. A primeira é relativa ao período pesquisado. O levantamento de Valladares (2005) é mais extenso temporalmente e leva em conta o período dos anos de 1960 a 1990, época do surgimento e da explosão dos trabalhos no campo da sociologia e da antropologia urbana no país. Como mencionei anteriormente, fundamentais trabalhos como “*Cor e Mobilidade Social em Florianópolis*” (1960), “*O mito da marginalidade*” (1977) e “*Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*” — publicado em 2000, mas fruto de pesquisas realizadas na década de 1980 e 1990 — e “*Um século de favela*” (1998) foram conduzidos por sociólogos e antropólogos que se empenharam de forma exaustiva na observação e na pesquisa empírica desses espaços, que nesse período, cresceram significativamente em tamanho e em desigualdades. Já a preponderância da Arquitetura no campo catarinense, na minha concepção, tem as digitais da arquiteta Maria Inês Sugai.

A arquiteta, como já coloquei, foi responsável pela realização de um extenso trabalho de interpretação das favelas e comunidades da região de Florianópolis. Uma produção que até hoje se sustenta como uma das únicas a pensar de forma conectada e ampliada a periferia da capital. Pela excelência alcançada, a obra é até hoje referência no

campo, bem como sua autora. Uma análise dos orientadores das obras selecionadas nos confirma isso. Nesse sentido, estatisticamente, Sugai foi responsável pela orientação ou participação em banca de avaliação de pelo menos 20% das 46 obras selecionadas. A maioria dos trabalhos eram do curso de Arquitetura na Universidade Federal de Santa Catarina, porém, encontramos também uma orientação no curso de Arquitetura da Universidade de São Paulo (onde a autora concluiu seu doutorado) e duas orientações no curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, demonstrando, evidentemente, o alcance disciplinar de sua obra.

No campo das temáticas — coletadas através dos títulos, resumos, palavras-chave e leitura panorâmica das obras — é possível observar algumas das preferências temáticas e metodológicas dos autores, e principalmente as diversas intersecções entre as disciplinas. Assim, percebemos na tabela 1 a potência das temáticas culturais, que embasaram trabalhos na Arquitetura, na Geografia, no Serviço Social, na Educação, na Sociologia Política, na História e na Psicologia. A segunda temática mais mencionada nos trabalhos é a de “políticas públicas e programas sociais”, concentrada nas disciplinas de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Arquitetura, Engenharia Civil e Serviço Social. A pauta da segregação urbana ou espacial também foi significativa e mostrou alguma multidisciplinaridade, mas se concentrou principalmente na área da Geografia e da Arquitetura. Já o trabalho com movimentos sociais se confundiu, na maior parte das vezes, com estudos sobre ocupações urbanas, especialmente no campo da Arquitetura e da Geografia.

Tabela 1 - Principais temáticas da produção mapeada e quantidade de vezes mencionadas

PRINCIPAIS TEMÁTICAS	Quant.
Cultura: subjetividades, narrativas, cotidiano, identidades e experiências	10
Políticas públicas e programas sociais	8
Segregação espacial ou urbana	7
Movimentos sociais	5

Ocupações Urbanas	5
Educação	5
Habitação e habitação social	5
Meio-ambiente	4
Luta e direito à moradia e a terra	4
Pobreza e pobreza urbana	3
História Oral	3
Gênero e interseccionalidade	2
Ideologia	2
Imprensa e jornalismo	2

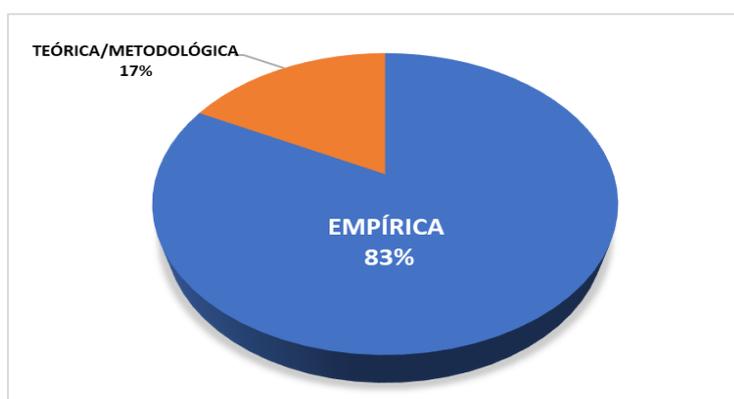
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na coleta desses dados foi possível encontrar vestígios das preferências metodológicas dos autores. Nesse sentido, a História Oral foi mencionada três vezes como parte da metodologia de trabalho nas duas obras da História e em uma da Geografia. Ainda assim, foi possível observar em diversos outros a presença de autores da História Oral, como Paul Thompson, nas referências e no auxílio à organização de entrevistas, como em “*Vozes do Mocotó: Dicotomias e laços no Maciço do Morro da Cruz*” (2022) do curso de Arquitetura. A realização de entrevistas, desse modo, foi responsável pela coleta de dados da maioria dos trabalhos selecionados, independente da disciplina.

Assim, quando observamos mais detalhadamente as metodologias escolhidas pelos autores, é possível encontrar uma opção dos pesquisadores, ou forte orientação deles, por de metodologias de pesquisa empíricas. Ou seja, pesquisas que envolvem algum tipo de trabalho de campo, como observações participantes, entrevistas e estudos de caso *in loco* de forma geral. A literatura do campo confirma essa tendência, demonstrando que, como coloca o historiador Mike Davis, adentrar as periferias é estar envolto por uma “espessa névoa epistemológica” (Davis, 2006, p. 45) e, por isso, o trabalho de campo faz-se necessário. Ademais, a produção acadêmica mapeada nos ajuda a compreender essa questão, colocada na conclusão de Araújo (2006) que constatou:

“difícilmente seria possível fazer certas análises caso não fossem utilizadas as entrevistas.” (Araujo, 2006, p. 12). Tais evidências auxiliam na compreensão do porquê da maioria absoluta dos trabalhos em favelas ou ocupações se lançarem em pesquisas de campo. O gráfico 3 ilustra esse movimento:

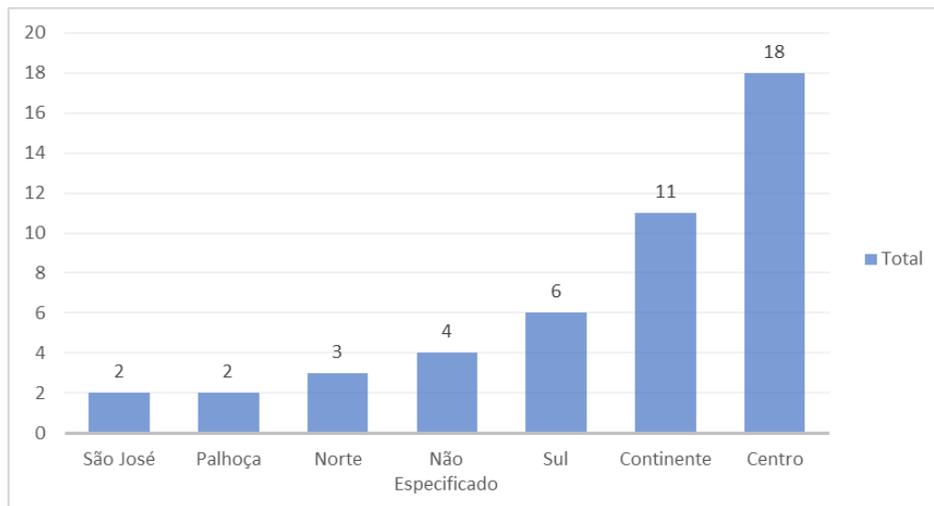
Gráfico 3 - Natureza dos trabalhos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

É evidente que trabalhos de natureza empírica também são apoiados por grandes pesquisas teórico/metodológicas. Entretanto, considero que grande parte dessas pesquisas não teriam a potencialidade que têm caso tivessem optado por não realizar estudos de campo. Nesse sentido, podemos destrinchar um pouco mais desses estudos ao compreender onde foram realizados e em que lugares estão focados. Essa questão é importante para a análise pois é destacada por Valladares (2005) uma tendência à “preferência” do mundo acadêmico por determinadas favelas do Rio de Janeiro em detrimento de outras. Desse modo, uma leitura superficial da produção acadêmica mapeada — a partir dos títulos, resumos e organização dos capítulos das obras — revela indícios de uma maior atenção acadêmica para as comunidades e favelas localizadas no Centro da cidade de Florianópolis. Quando aprofundamos a análise, temos a confirmação dessa evidência, representada a seguir no gráfico 4.

Gráfico 4 - Número de publicações por região da Grande Florianópolis



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Apesar da discrepância nos números, os dados parecem representar a realidade colocada na cidade. Segundo estudo realizado pelo projeto ComunitÁreas (2020)" existiam 136 comunidades na área conurbada de Florianópolis (Cavanus, 2021). No Plano de Habitação de Florianópolis (2009) a prefeitura municipal estimou que existiriam 65 assentamentos informais na cidade, somando 16% da população. Nesse sentido, a maior parte das comunidades estão localizadas no Continente e no Centro, com 31% e 29% do total de assentamentos, respectivamente. Só no Morro da Cruz, no Centro, existiriam pelo menos 11 comunidades (Rocha, 2020). Na região do Monte Cristo, localizada no Continente, seriam 9 assentamentos diferentes (Cavanus, 2021). A significância desses espaços na cidade é marcada também pela integração de recentes ocupações retratadas na produção acadêmica mapeada, como a Ocupação Marielle Franco e Fabiano de Cristo, aos complexos já estabelecidos no Morro da Cruz e no Monte Cristo.

Na produção acadêmica selecionada, percebemos a preponderância das comunidades do Morro da Cruz nas análises, seguidas pelo Continente, o que inverte a ordem dos dados oficiais — ainda que não de forma significativa. A ordem é novamente invertida com a preferência do Sul da Ilha (sobretudo a Tapera) em detrimento do Norte da Ilha nas pesquisas. Em números oficiais — de 2009 —, a quantidade de comunidades no Norte era da ordem de 11% do total, no Sul era de 8% (Cavanus, 2021). É importante,

entretanto, notar que o número de habitantes nas comunidades do Sul (especialmente na Tapera) é significativamente maior que no Norte.

No caso específico do Sul, todos os seis trabalhos retratam a Tapera. Dentre esses, dois são do Serviço Social, dois da Arquitetura, um da História e um da Geografia. Um olhar mais aprofundado sobre a comunidade é fundamental, visto que a localidade é considerada um dos maiores assentamentos informais da cidade, com cerca de 11 mil habitantes, segundo números do Censo do IBGE de 2010. Entre os habitantes, 5.175 pessoas viviam em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais, divididas em cerca de 1.579 domicílios do tipo. Em 2019, porém, o número de moradias precárias subiu para 3.087 (IBGE, 2019), colocando a comunidade como a primeira da cidade em números absolutos². Desse modo, apesar da significação social dessas estatísticas, o número de publicações sobre a Tapera ainda não parece o suficiente para pensar o seu sentido na cidade.

Outro dado interessante do Gráfico 4 é o número de publicações que não especificam nenhuma região como foco. Entre elas está *“Segregação Silenciosa”* (2002) de Sugai, que considero até agora a única obra capaz de abranger e interpretar a periferia de Florianópolis como um todo, como um grande e coeso movimento. A segunda obra é *“Cidade, poder e imprensa: Notícias sobre meio ambiente e sobre mobilidade urbana em Florianópolis”* (2010), uma dissertação da Arquitetura – UFSC. Já a terceira é *“Entre a servidão e a beira-mar: um estudo configuracional da segregação socioespacial na área conurbada de Florianópolis”* (2016), também uma dissertação da Arquitetura – UFSC. O último é *“Expansão urbana em Florianópolis: Conflito entre a cidade real e a cidade legal”* (2003), uma dissertação da Geografia – UFSC

Observando os quatro trabalhos de forma crítica, fica evidente que os selecionados têm em comum o fato de serem produções de cunho exclusivamente teórico/metodológico, o que em parte pode explicar não focalizarem em nenhuma região específica da cidade. Entretanto, excluído a de Sugai, as outras obras são ou vagas demais, como *“Expansão urbana em Florianópolis”* e *“Cidade, poder e imprensa”* ou

² O Maciço do Morro da Cruz possuía em 2019, segundo o IBGE, cerca de 4.714 moradias precárias, essas eram, entretanto, divididas em 11 comunidades diferentes.

tecnicistas demais, como “*Entre a servidão e a beira-mar*”. Portanto, entendo que nenhuma dessas produções articula as diferentes periferias e comunidades da cidade, sem ao mesmo tempo esquecer de suas especificidades como “Segregação Silenciosa” de Sugai. Essa, construiu uma periodização completa da ocupação das periferias em Florianópolis ressaltando cada comunidade e favela como parte de um processo maior de “amadurecimento” da segregação urbana na capital.

3 Conclusão

Busquei inicialmente ilustrar e analisar os principais paradigmas colocados no campo de estudo das periferias urbanas em Florianópolis. Bem como, de maneira breve, discorrer sobre a forma pela qual o material selecionado interpreta os processos de segregação urbana nas comunidades, favelas e periferias do município. A partir dessa ilustração, objetivei também explorar e levantar questões relativas aos pontos de convergência e de divergência entre a bibliografia e a realidade material colocada na capital de Santa Catarina. Nesse sentido, a primeira questão aparente, na minha concepção, está na manifesta necessidade de mais pesquisas em determinadas regiões da cidade, como no Norte e no Sul da Ilha. Esses espaços, como pudemos observar, estão inseridos em um momento posterior de formação e de ocupação das periferias do município e por essa razão ainda estão em pleno desenvolvimento e ebulição, como observamos, por exemplo, na Tapera, no Sul da Ilha de Santa Catarina, e na Favela do Siri, no Norte da Ilha.

A comunidade do Siri, nesse sentido, é cotidianamente protagonista de manchetes jornalísticas que demonstram os conflitos simbólicos colocados na cidade. Uma das matérias afirma, por exemplo: “Cerca de 200 barracos foram montados sobre as dunas. A areia branca é manchada pelo sangue dos confrontos das facções num território dominado pelo tráfico de drogas e onde o poder público chega somente pela polícia, não raramente recebida à bala.” (Rocha, 2020). Barraco, sangue e tráfico são, nesse caso, marcadores semânticos fundamentais de uma leitura estigmatizada dos espaços periféricos, vistos apenas como reflexo do caos, da desordem e da vulnerabilidade.

É evidente também o espaço que as discussões sobre ocupações urbanas, segregação e movimentos sociais ocupam na bibliografia selecionada e o que estes falam da atual conjuntura regional. Em Florianópolis, esse é um tema que tem adquirido mais importância e atenção nos últimos anos, principalmente através dos conflitos colocados na construção das ocupações Marielle Franco, Fabiano de Cristo e Amarildo de Souza. Espaços que têm sido alvo constante de operações legais e ataques midiáticos que buscam deslegitimar o direito fundamental à terra e à vida de todo cidadão brasileiro. Uma isso ao fato de que o número de moradias precárias na cidade cresceu 160% de 2010 a 2019 (Rocha, 2020), e temos aí o cenário perfeito para a observação do aumento de tensões sociais urbanas na região, observadas aqui através de certas peças jornalísticas. Esse é o caso de alarmantes artigos publicados por um dos jornais de Florianópolis em 2020: o Relatório “Invasão define o caos urbano na região central de Florianópolis” do jornal ND.

O referido documento, caracterizado por sua natureza sensacionalista, agrega uma série de reportagens que abordam o 'problema' das comunidades e favelas de Florianópolis. Desde sua capa, o editorial busca instigar temores ao comparar visualmente a 'violenta' Favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, ao Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis. A natureza da comparação se torna mais explícita no "Relatório ND: A nova Rocinha não é aqui em Florianópolis". Conforme descrito na reportagem, a comparação entre as comunidades é justificada pela semelhança topográfica entre os dois locais, bem como pelo subsequente aumento da violência após a 'invasão' e 'favelização' desses espaços. Dessa forma, ao mapear os principais pontos de violência na periferia de Florianópolis, a reportagem, embora reconheça a existência das favelas devido à ausência de políticas habitacionais, propõe uma solução rápida para a questão: a expulsão.

Tanto no "Relatório ND: Invasão define o caos urbano na região central de Florianópolis", quanto no Editorial "Basta de invasões em Florianópolis", o problema das ocupações urbanas é apresentado como questão primordial na cidade. Essa visão, porém, não considera a situação social dos moradores ou a carência de políticas sociais que os levaram a essas condições e a assistência de que eles necessitam. Em vez disso, enfoca-se

exclusivamente na "paisagem indesejável" (Rocha, 2020) que tais habitações geram no cenário urbano paradisíaco de Florianópolis. Fica evidente que o jornal não encara os habitantes dessas áreas como indivíduos, mas sim como "parte de esquemas criminosos que envolvem milícias e lavagem de dinheiro do narcotráfico" (Basta [...], 2020). O editorial complementa ainda:

Os invasores de áreas particulares ou públicas não são trabalhadores, pessoas humildes e de bem, não são vítimas da sociedade como alegam alguns políticos à caça de votos. As invasões são orquestradas por membros de facções, os mesmos que comercializam barracos e constroem em áreas invadidas, lavando o dinheiro do tráfico. (Basta [...], 2020)

Não é preciso se estender para reconhecer as tentativas de criar um clima de temor sobre as periferias urbanas na região metropolitana da cidade, utilizando comparações com a cidade do Rio de Janeiro para fundamentar essa narrativa de medo. É novamente necessário perceber, nas várias matérias jornalísticas aqui apresentadas, a importância da semântica na leitura simbólica e representativa dos espaços periféricos. Por exemplo, é notável como determinadas terminologias, tal qual "barracos", "invasões" e "facções" são usadas para acentuar, através de mecanismos de estigmatização, os processos historicamente colocados de violência e segregação urbanas no município.

Nesse contexto de grande retrocesso, devemos entender que o aumento no número de "aglomerados subnormais" em Florianópolis, bem como o acentuamento na complexidade da temática urbana são indicadores da importância de novas pesquisas acadêmicas que pensem a periferia florianopolitana de forma abrangente e conectada. Esse esforço pode ser bem-sucedido através da compreensão da importância da interdisciplinaridade na leitura de fenômenos sociais complexos como este. Entendo, nesse sentido, que apesar da disciplina da História ser pouco presente nos estudos do campo, ela parece essencial na construção de uma nova e completa História de Florianópolis, dessa vez mais sensível e atenta às suas contradições internas e, fundamentalmente, às trajetórias periféricas. Portanto, entendo que é através do estudo do tempo e das plurais temporalidades inseridas na cidade que poderemos perceber as

possibilidades de uma interpretação mais abrangente dos movimentos urbanos, realizando também uma reflexão a respeito da pluralidade do presente e dos desafios da atualidade dos quais o historiador não pode mais se ausentar.

Logo, considero fundamental que nós historiadores não vejamos as cidades apenas como panos de fundo onde a História acontece. É necessário que olhemos para a cidade com maior estranheza e que a transformemos em objeto de estudo marcado por suas próprias dinâmicas, com seus próprios ritmos e movimentos temporais. Já as favelas e comunidades podem, justamente, ser enxergadas como protagonistas nesses movimentos urbanos. Ou como marcas da forma que determinada sociedade, ou determinado grupo se relaciona com o tempo. Relação esta exposta na paisagem urbana. Seguindo esse raciocínio, a periferia urbana, considerada por Roy (2017) como uma “zona intersticial entre urbano e rural” (Roy, p, 15) pode ser, por conta da coexistência entre essas diferentes experiências do tempo e do espaço – que criam por si só uma nova, singular experiência – compreendida com mais atenção e esmero pelos historiadores.

Referências

ABRAMO, Pedro. **A cidade da informalidade: o desafio das cidades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras: FAPERJ, 2003.

ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba (org.). **Um século de Favela**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ARAÚJO, Camilo Buss. **Os pobres em disputa: urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água, Florianópolis - anos 1950 e 1960**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BASTA de invasões em Florianópolis. **GRUPO ND**, Florianópolis, 22 ago. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/opiniao/editorial/basta-de-invasoes-em-florianopolis/>. Acesso em: 07 out. 2021.

BOSCHI, Renato Raul; DINIZ, Eli. **Movimentos coletivos no Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 179 p.

BERTICELI, Sabrina Periotto. **Vozes do Mocotó: dicotomias e laços no Maciço do Morro da Cruz**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

BIRMAN, Patrícia. “Favela é comunidade?” In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favela_%C3%A9_comunidade%3F_\(artigo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favela_%C3%A9_comunidade%3F_(artigo)). Acesso em: 08 fev. 2022.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Editora 34: Edusp, 2011.

CALHEIROS, Fernando. **Ocupações urbanas e os efeitos socioespaciais da disputa pela terra em Florianópolis: o caso das ocupações Marielle Franco e Fabiano de Cristo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CANELLA, Francisco. **Entre o local e a cidade: memórias e experiências de duas gerações de moradores da periferia urbana em Florianópolis (1990-2010)**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARDOSO, Beatriz Kauduinski. **Efeitos da regularização fundiária: estudo de caso em assentamentos precários de Santa Catarina**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Nacional, 1960.

CAVANUS, Aline Vicente. **Processo de luta por terra e direito à cidade: a atuação dos movimentos sociais em Florianópolis-SC**. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

D'AGOSTINI, Luiz Renato *et al.* **Mudanças climáticas, desigualdades sociais e populações vulneráveis no Brasil: construindo capacidades: subprojeto populações estudo de caso Tapera da Base**. Florianópolis: UFSC, 2010.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

DIA a dia da periferia. Intérprete: Gog. In: CARTÃO Postal Bomba (Ao Vivo). Intérprete: GOG. Cidade: gravadora, 2015. 1 CD, faixa 2 (6 min).

ESPÍNDOLA, Luciana da Rosa. **Tapera da Base: bairro?** 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FERNANDES, Bárbara Guimarães. **Ocupar para morar:** urbanização da Ocupação Frei Fabiano de Cristo em Florianópolis/SC. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, [s. l.], v. 23, n. 79, p. 257–272, ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 16 out. 2023.

FLORIANÓPOLIS. **Lei complementar n. 482, de 17 de janeiro de 2014.** Institui o plano diretor de urbanismo do município de Florianópolis que dispõe sobre a política de desenvolvimento urbano, o plano de uso e ocupação, os instrumentos urbanísticos e o sistema de gestão. Florianópolis: Câmara Municipal, 2014. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-complementar/2014/48/482/lei-complementar-n-482-2014-institui-o-plano-diretor-de-urbanismo-do-municipio-de-florianopolis-que-dispoe-sobre-a-politica-de-desenvolvimento-urbano-o-plano-de-uso-e-ocupacao-os-instrumentos-urbanisticos-e-o-sistema-de-gestao>. Acesso em: 09 fev. 2022.

FREIRE, Letícia Luana. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 95-114, out./dez. 2008.

FURLAN, Bárbara. [Entrevista cedida a Vinícius Silveira Luz]. Florianópolis, 10 maio 2022.

GOES, Fernanda Lira *et al.* **Atlas das periferias no Brasil:** aspectos raciais de infraestrutura nos aglomerados subnormais. Rio de Janeiro: Ipea, 2021.

IBGE. **Aglomerados subnormais 2019:** distância ao estabelecimento de saúde de atenção primária mais próximo. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2019. Disponível em: <https://dadosgeociencias.ibge.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=67c70e701c624c63a6f1754a8b8bce4a>. Acesso em: 16 nov. 2023.

IBGE. **Glossário do censo de 2010.** [Rio de Janeiro]: IBGE 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/glossario.html>. Acesso em: 09 fev. 2022.

KRONENBERGER, Bruna da Cunha. **Entre a servidão e a Beira-Mar: um estudo configuracional da segregação socioespacial na área conurbada de Florianópolis.** 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Artífices do futuro: cultura política e a invenção do tempo presente de Florianópolis (1950-1980).** Florianópolis: Insular, 2016.

LONARDONI, Fernanda Maria. **Aluguel, informalidade e pobreza: acesso à moradia em Florianópolis.** 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MANOEL, Paula Scheidt. **Cidade, poder e imprensa: notícias sobre meio ambiente e sobre mobilidade urbana em Florianópolis.** 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MARTINS, Isabela Braga. **Ocupação e regularização fundiária de terras públicas em áreas centrais: a disputa na área da Vila Santa Rosa, Florianópolis/SC.** 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MENEZES, Cacau. Os bolsões de pobreza de Florianópolis. **NSC Total**, [Florianópolis], 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/colunistas/cacau-menezes/os-bolsoes-de-pobreza-de-florianopolis>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ROBINSON, Jennifer. Cities in a world of cities: the comparative gesture. **International Journal of Urban and Regional Research**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 1-23, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2427.2010.00982.x>. Acesso em: 1 out. 2023.

ROCHA, Vanessa da. Relatório ND: Invasão define o caos urbano na região central de Florianópolis. **ND Mais**, [Florianópolis], 22 ago. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/infraestrutura/dossie-nd-invasao-define-o-caos-urbano-na-regiao-central-de-florianopolis/>. Acesso em: 13 out. 2023.

ROY, Ananya. Cidades faveladas. **Revista e-metropolis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 31, p. 6-21, 2017.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro:** a geografia histórica da Pobreza urbana em Florianópolis. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SUGAI, Maria Inês. Há favelas e pobreza na “Ilha da Magia”? In: ABRAMO, Pedro (org.). **Favela e mercado informal:** a nova porta de entrada dos pobres nas cidades brasileiras. Porto Alegre: ANTAC, 2009. p. 162-199. (Coleção Habitare, v. 10).

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa:** investimentos públicos e distribuição socioespacial na área conurbada de Florianópolis, 1970-2000. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TOMAS, Elaine Dorighello. **Antigos e novos olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz:** de não território a território do PAC-Florianópolis. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

VALLADARES, Licia do Prado. **Um século de favela:** do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIDAL, Leandro Moraes; POZZO, Renata R. A cidade contra a Ilha: aspectos da urbanização contemporânea em Florianópolis. In: DIAS, Vera Lúcia Nehls; PET Geografia UDESC (org.). **A cidade contra a Ilha:** aspectos da urbanização contemporânea em Florianópolis. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2011. v. 1. p. 230-254.

Anexos

Bibliografia acadêmica selecionada

ABREU, Míriam Santini de. **Espaço e cotidiano no jornalismo:** crítica da cobertura da imprensa sobre ocupações urbanas em Florianópolis. 2019. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ARAÚJO, Camilo Buss. **Os pobres em disputa:** urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água, Florianópolis - anos 1950 e 1960. 2006. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Educação intercultural e comunidades de periferia:** limiares da formação de educador@s. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BERTICELI, Sabrina Periotto. **Vozes do Mocotó: dicotomias e laços no Maciço do Morro da Cruz.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

BOPPRÉ, Afrânio Tadeu. **Expansão urbana em florianópolis: conflito entre a cidade real e a cidade legal.** 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CALHEIROS, Fernando. **Ocupações urbanas e os efeitos socioespaciais da disputa pela terra em Florianópolis: o caso das ocupações Marielle Franco e Fabiano de Cristo.** 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CANELLA, Francisco. **Entre o local e a cidade: memórias e experiências de duas gerações de moradores da periferia urbana em Florianópolis (1990-2010).** 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARDOSO, Beatriz Kauduinski. **Efeitos da regularização fundiária: estudo de caso em assentamentos precários de Santa Catarina.** 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CAVANUS, Aline Vicente. **Processo de luta por terra e direito à cidade: a atuação dos movimentos sociais em Florianópolis-SC.** 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CORRÊA, Vanesca Cabral. **Quanto mais próximos mais distantes: a segregação urbana na Grande Florianópolis no município de São José: o caso Vila Dane e Bosque das Mansões.** 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DANTAS, Jéferson Silveira. **Espaços coletivos de esperança: a experiência política e pedagógica da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis/SC.** 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

furDREYER, Mariza. **As políticas públicas de riscos e desastres: as chuvas de 2008 e seus efeitos nas populações vulneráveis do Maciço do Morro da Cruz, Florianópolis/SC.** 2020. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ESCARRONE, Elsie Gatiboni. **Desafios da regularização fundiária urbana na região chico mendes (Florianópolis/sc)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

ESPÍNDOLA, Luciana da Rosa. **Tapera da Base: bairro?** 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FERNANDES, Bárbara Guimarães. **Ocupar para morar: urbanização da Ocupação Frei Fabiano de Cristo em Florianópolis/SC**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

FERREIRA, Karina dos Santos. **Fica em casa: o cotidiano de pandemia na Ocupação Marielle Franco**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

GOMES, Ivana Maria Farias. **Acampamento Manoel Alves Ribeiro: uma saída para o desemprego?** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GONÇALVES, Ana Letícia Saquete. **"Eu sou cria do 25": um resgate da identidade coletiva do Morro do 25**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

HAK, Kathia Prujansky. **Arte no deslocamento da vida: educação popular e cerâmica na Vila União**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

KRONENBERGER, Bruna da Cunha. **Entre a servidão e a beira-mar: um estudo configuracional da segregação socioespacial na área conurbada de Florianópolis**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LIMA, Donizeti José de. **Só sangue bom: construção de saberes e resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LIMA, Donizeti José de. **Vida loka também ama: juventudes, mitos e estilos de vida**. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LONARDONI, Fernanda Maria. **Aluguel, informalidade e pobreza: acesso à moradia em Florianópolis.** 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LUZ, Vinícius Silveira. **Entre praças, parques, igrejas e bares: narrativas e percepções na comunidade da Tapera, Florianópolis-SC, no tempo presente (2002 - 2020).** 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

MANOEL, Paula Scheidt. **Cidade, poder e imprensa: notícias sobre meio ambiente e sobre mobilidade urbana em Florianópolis.** 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MARTINS, Fabiana. **De espaço marginal a trajetórias plurais: narrativas e imagens na construção do bairro da Tapera - Florianópolis.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MARTINS, Isabela Braga. **Ocupação e regularização fundiária de terras públicas em áreas centrais: a disputa na área da Vila Santa Rosa, Florianópolis/SC.** 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MONTE, Livia Espíndola. **“Minha casa, minha luta”:** experiências e práticas políticas na Ocupação Contestado. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PENNA, Claudia Maria de Mattos. **Ser saudável no cotidiano das favelas.** 1996. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

PEREIRA, Andrea. **A maternidade na adolescência: um estudo com famílias de camadas populares.** 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

PEREIRA, Rodrigo Nelson. **Os territórios sagrados (in)visíveis: os terreiros de religião afro-brasileira da Tapera, espaços de resistências e proteção social.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

RAMOS, Paula da Silva. **Impactos ambientais da implantação dos loteamentos Jardins I e condomínios Terra Nova I, II e III, no Bairro Belo Vista, município de Palhoça/sc.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROGÉRIO, Eduardo Wagner. **Utilização de bancos de dados públicos para a identificação de setores segregados no bairro Saco dos Limões e Sul da Ilha de Santa Catarina.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ROSA, Edenilse Pellegrini da. **Gênero e habitação:** participação e percepção feminina na construção de viveres. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro:** a geografia histórica da Pobreza urbana em Florianópolis. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, Dyanna Jéssica da. **A educação na periferia:** a prática pedagógica no projeto social Amor à Arte do Morro do Céu. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, Marliange da. **A experiência do programa habitar Brasil BID** – região Chico Mendes: uma análise da participação social. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVEIRA, Fabiano Bernardes da. **Narrativa urbana:** Construindo uma Tapera na memória de Florianópolis. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SOARES, Raquel. **Investimentos públicos e valorização imobiliária em áreas de zeis:** obras do PAC e moradias de aluguel na comunidade da Serrinha. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOARES, Sonia Rohling. **políticas públicas relativas à habitação em áreas de risco:** o caso do Alto da Caieira – Florianópolis-SC. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SOUZA, Ângela Maria de. **A caminhada e longa. . . e o chão tá liso:** o movimento Hip Hop em Florianópolis e Lisboa. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa:** investimentos públicos e distribuição socioespacial na área conurbada de Florianópolis, 1970-2000. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TITON, Andréia Piana. **Jovens de baixa renda de Florianópolis/SC e suas relações na e com a cidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TOMAS, Elaine Dorighello. **Antigos e novos olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz: de não território a território do PAC-Florianópolis**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

VELA, João Marcelo. **O caráter educativo dos/nos movimentos sociais urbanos: o caso da Ocupação Palmares em Florianópolis/SC**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ZURBA, Magda do Canto. **Modos de subjetivação na vida cotidiana: um estudo na Vila Cachoeira**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Fontes de Fomento

A presente pesquisa foi realizada com o apoio financeiro Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

Recebido em: 07/03/2023

Aprovado em: 09/11/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br